

Donald Trump retorna à presidência dos EUA

Solenidade de posse do 47º presidente dos EUA acontece a partir das 11h30mins, pelo horário de Brasília

/ ESTADOS UNIDOS

A volta de Donald Trump à Casa Branca será concretizada nesta segunda-feira, quando ocorre a cerimônia na qual ele será oficialmente empossado como 47º presidente dos Estados Unidos. Ao contrário de anos anteriores, quando a solenidade foi realizada diante de uma multidão de apoiadores ao ar livre, a posse foi transferida para a área interna do Capitólio, devido ao frio intenso registrado em Washington e que deve se manter no horário da cerimônia (que começa às 11h30min, pelo horário de Brasília).

Após rito religioso na Igreja de St. John's, haverá uma série de apresentações musicais, além de discursos políticos. A tradicional performance do hino americano ficará a cargo da estrela country Carrie Underwood.

Na sequência, Trump e o vice-presidente J.D. Vance prestarão juramento, seguido do discurso inaugural do presidente. Os republicanos afirmaram que pretendem utilizar suas próprias Bíblias para o juramento. O exemplar de Vance pertenceu à sua bisavó e foi dado a ele de presente por sua mãe. Já Trump manuseia duas Bíblias na cerimônia. Uma que ganhou da mãe em 1955 e que tem seu nome gravado na capa. E, no juramento de fato, a Bíblia usada pelo presidente Abraham Lincoln, em sua cerimônia de posse, em 1861.



Devido ao frio intenso, cerimônia deixará de ser ao ar livre, sendo transferida para área interna do Capitólio

O atual presidente, Joe Biden, e a vice Kamala Harris se despedem oficialmente de suas funções, e as novas autoridades seguem para a Sala do Presidente, ainda no Capitólio, próxima à Câmara do Senado. Trump então assina seus primeiros documentos como 47º presidente diante de assessores e de membros do Congresso. Na sequência, ocorre o tradicional almoço de posse, seguido de inspeção de tropas. A cerimônia segue com um desfile, que irá do Capitólio até a Casa Branca, e

se encerra na sede oficial do governo norte-americano, quando os documentos de posse são assinados no Salão Oval. À noite, serão realizados pelo menos três bailes inaugurais, nos quais a presença de Donald Trump é esperada.

O presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, não foi convidado para a posse de Trump. Isso não é incomum, já que historicamente chefes de Estado evitam participar de posses no exterior por questões de segurança, e o go-

verno norte-americano não costuma fazer convites formais a líderes estrangeiros para a cerimônia. No entanto, Trump rompeu com esses precedentes e, pela primeira vez na história do país, convidou vários líderes para a posse, como o presidente chinês, Xi Jinping, e líderes mundiais conservadores como o presidente argentino, Javier Milei, e a premiê italiana, Giorgia Meloni. Xi vai enviar o vice-presidente, Han Zheng, como seu representante. O Brasil será representa-

do pela embaixadora do Brasil em Washington, Maria Luiza Viotti.

A decisão de sexta-feira de transferir a cerimônia de Washington, D.C. para o ambiente fechado do Capitólio foi justificada pelo presidente eleito como uma forma de preservar público e profissionais em um período de "frio ártico" na região. Analistas, contudo, enxergam na medida uma forma de facilitar a atuação do serviço secreto, que está com a credibilidade abalada após duas tentativas de assassinato do republicano ao longo da campanha. Os apelos para aumentar a segurança do presidente eleito aumentaram depois que um homem armado atirou em Trump em um comício durante o verão e outro apontou um rifle através de uma cerca quando o republicano jogava golfe. Os incidentes alimentaram dúvidas sobre se o Serviço Secreto é capaz de protegê-lo diante dos riscos de violência política durante o ciclo eleitoral.

Entre as primeiras ações de Trump como presidente pode estar uma visita oficial à China. Segundo pessoas próximas a Trump, o propósito da visita seria o de aprofundar um relacionamento com Xi Jinping, tenso pela ameaça do presidente eleito de impor tarifas mais acentuadas sobre as importações chinesas. O presidente eleito também promete iniciar, já nesta semana, uma das mais abrangentes campanhas de desregulamentação na história do País.

Após confirmação de trégua, primeiras reféns israelenses são entregues pelo Hamas

/ GUERRA

Romi Gonen, 24 anos, Emily Damari, 28, e Doron Steinbrecher, 31, são as primeiras reféns entregues pelo Hamas neste domingo à Cruz Vermelha (organização humanitária que está mediando a troca). Elas seguiram para Israel em helicópteros das Forças de Defesa de Israel, e seriam levadas para um hospital antes de voltarem para casa.

A liberação delas faz parte do acordo do cessar-fogo entre o grupo extremista e Israel, que começou a valer no domingo. Elas estavam presas há mais de um ano. Gonen estava no festival de música invadido pelo Hamas em 7 de outubro de 2023. Damari e Steinbrecher foram sequestradas dentro de suas próprias casas, no kibbutz (vilarejo agrário) Kfar Aza, no sul de Israel.

Em troca, Israel deve liberar 95 prisioneiros palestinos: 70 mulheres e 25 homens. As autoridades israelenses ainda não haviam fornecido detalhes até o fechamento desta edição.

Ao todo, 33 reféns israelenses devem ser liberados nesta primeira fase da trégua, que deve durar ao menos seis semanas. Durante esse período, haverá negociações para uma segunda fase, que incluiria a libertação de todos os reféns e estabeleceria as bases para o fim da guerra.

A primeira trégua em mais de 15 meses de guerra atrasou três horas. A previsão era começar às 8h30min (3h30min no horário de Brasília), mas o Hamas atrasou a entrega de uma lista com os nomes dos reféns para o governo de Benjamin Netanyahu. Nesse meio-tempo, houve um novo bombar-



Familiares de reféns israelenses celebraram soltura em praça de Tel Aviv

deio em Gaza, que deixou ao menos 19 mortos.

Após o acordo de cessar-fogo entre Israel e o Hamas, três ministros da extrema-direita israelense renunciaram seus cargos. O Minis-

tro da Segurança Interna de Israel, Itamar Ben-Gvir, foi o primeiro a pedir demissão. Ele classificou o acordo como "imprudente" e afirmou que os objetivos da guerra ainda não foram atingidos. Outros

dois ministros pediram demissão na manhã de domingo: Yitzhak Wasserlauf, ministro do Negev, Galileia e Resiliência Nacional, e Amichai Eliyahu, ministro do Patrimônio. De qualquer modo, eles sinalizam que podem retornar ao governo caso a guerra recomece. A decisão acaba com a coalizão de Netanyahu com o Partido do Poder Judaico, de extrema-direita, e enfraquece politicamente o primeiro-ministro.

A guerra entre Israel e o Hamas devastou a Faixa de Gaza e matou ao menos 46,8 mil pessoas, segundo o Ministério da Saúde do território palestino. O conflito começou quando o grupo extremista fez uma série de atentados a Israel em 7 de outubro de 2023. Morreram 1,2 mil outros 251 foram sequestradas, segundo o Exército israelense.